

A MULHER FATAL BAUDELAIRIANA E A POMBA-GIRA: LILITH EXTÁTICA NA METRÓPOLE

Professor Doutor Fernando Monteiro de Barros (UERJ – São Gonçalo)

Porias o universo inteiro em teu bordel,
Mulher impura! O tédio é que te faz cruel.
Para treinares os dentes nesse jogo singular,
Terás a cada dia um coração a devorar...

(BAUDELAIRE, 2002 : 38)

Medo de que a pomba-gira
me dissesse Deus, o sexo, a morte.

(FERRAZ, 2004 : 12)

O tema da mulher fatal serpenteia pela literatura do Ocidente no século XIX, especialmente após a publicação do livro de poemas *As flores do mal*, em 1857, por Charles Baudelaire, primeiro poeta a apresentar as crueldades e as delícias da modernidade em seu novo cenário urbano-industrial. Entretanto, a representação do feminino como maléfico tem raízes profundas e longínquas em nossa cultura. Aristóteles, em sua *Metafísica*, já admitia dez princípios ordenadores do mundo, coordenados aos pares, formando duas linhas antitéticas distintas: “finito e infinito, ímpar e par, uno e pluralidade, direito e esquerdo, macho e fêmea, quieto e movimentado, retilíneo e curvo, luz e escuridão, bem e mal, quadrado e retângulo” (ARISTÓTELES, 1973, p.222). Como podemos ver, a linha do masculino agrupa o “direito”, a “luz” e o “bem”, enquanto que a linha do feminino contém o “esquerdo”, a “escuridão” e o “mal”. Este arquétipo da mulher maléfica povoa o imaginário ocidental e, no Brasil, a cultura popular carioca identifica-o com a figura da pomba-gira, entidade da umbanda que encarna “o espírito de uma mulher que em vida teria sido uma prostituta ou cortesã, mulher de baixos princípios morais, capaz de dominar os homens por suas proezas sexuais, amante do luxo, do dinheiro e de toda sorte de prazeres” (PRANDI, 1996, p. 140). A pomba-gira, além disso, é considerada um espírito “de esquerda” (CARVALHO, 1994, p. 94), já que pode trabalhar para o mal se assim solicitada (Idem, p. 102). Na literatura brasileira contemporânea, a mulher fatal do imaginário popular carioca intitula e protagoniza um dos poemas do livro *Rua do mundo*, de Eucanaã Ferraz, publicado há pouco (2004).

Nas duas epígrafes acima podemos perceber o espanto do eu-lírico masculino diante da enormidade do feminino desmesurado. Esta fêmea super-poderosa, que amedronta os homens da modernidade urbana ocidental, tem raízes no mito de Lilith.

O mito de Lilith é oriental. Lilith foi originalmente a Rainha do Céu sumeriana (MARASHINSKY, 2002, p. 119). Posteriormente, foi rebaixada para o panteão assírio-babilônico das divindades inferiores, vista como demônio feminino, gênio do mal, exprimindo “a paixão turva da sexualidade desenfreada que pode insidiar e submeter o homem” (SICUTERI, 1985, p. 42). Os hebreus absorveram o mito fazendo-a a primeira mulher de Adão, “que se recusou a deitar-se debaixo dele durante o ato sexual. Ela insistia que, por terem sido criados iguais, eles deviam fazer sexo de igual para igual” (MARASHINSKY, 2002, p. 119). Alguns afirmam que, além de Adão e Lilith terem sido criados iguais, foram também criados ao mesmo tempo, desfrutando assim dos mesmos direitos (FAUR, 2001, p. 308). “Adão, no entanto, queria que ela fosse mais submissa, ficando sempre por baixo dele durante o ato sexual” (Ibidem). Lilith rebelou-se e fugiu para o Mar Vermelho. Segundo a mitologia judaica, assim, em lugar de Lilith Deus criou Eva da costela de Adão, e, por esta não lhe ser igual, “precisava acatar sua supremacia, obedecendo as regras patriarcais” (Ibidem).

Lilith simboliza portanto o arquétipo do feminino rebelde, “símbolo das proibições colocadas ao desejo” (SICUTERI, 1985, p. 58). Como punição, as escrituras judaicas transformaram-na então “em uma figura demoníaca, Lilithu, a mãe dos Demônios, que deu origem, na Idade Média, aos incubos e súcubos, vampiros sexuais masculinos e femininos” (FAUR, 2001, p. 309). Etimologicamente, Lilithu significa “lascívia” e Lilith significa “da noite” (SICUTERI, 1985, p. 49). Para o crítico literário Harold Bloom, judeu, “a visão que os homens chamam de Lilith é formada basicamente pela ansiedade deles com o que vêem como a beleza do corpo da mulher, uma beleza que julgam ser, ao mesmo tempo, muito maior e muito menor que a deles próprios” (*apud* PAGLIA, 1992, p. 59).

O arquétipo da mulher sexualmente insubmissa e conseqüentemente demonizada acaba por se desdobrar em mitos análogos. “Na Grécia, Hécate se torna, talvez, a figura mais representativa do mito de Lilith. Depois dela será a feiticeira medieval que herdará todas as conotações” (SICUTERI, 1985, p. 72-73). Como Lilith, Hécate é identificada com a Lua Nova, também chamada Lua Negra (BRANDÃO, 1988, p. 78). Mas quem é Hécate? Ana Cristina César, em *A teus pés*, publicou um informativo poema pós-moderno a respeito (CESAR, 1982, p. 65), intitulado “Enciclopédia”:

Hécate ou Hécata, em gr. Hekáté. Mit. gr. Divindade lunar e marinha, de tríplice forma(muitas vezes com três cabeças e três corpos). Era uma deusa órfica, parece que originária da Trácia. Enviava aos homens os terrores noturnos, os fantasmas e os espectros. Os romanos a veneravam como deusa da magia infernal.

Ao mesmo tempo que identificada com a magia e os sortilégios, “Hécate passou a simbolizar igualmente, com seu cortejo de cães, amigos dos cemitérios, a cadela, a mãe perversa, devoradora e fálica, e, através da mesma, o inconsciente devorador” (BRANDÃO, 1988, p. 78). Confirma Roberto Sicuteri a respeito de Hécate:

Na Grécia, a mãe é potencialmente negativa, pois é percebida como obstáculo à integração viril. O grego consignava todas as pulsões instintivas à imagem de Hécate: as obscuridades do inconsciente vagamente percebido eram identificadas com a dissolução e a morte. E o prazer era a própria morte, o desconhecido. Hécate se torna maga, bruxa, demônio noturno, megera, que provoca doenças e morte. [...] Por isso, Hécate aparece no folclore não só como aspecto diabólico da Mãe impositiva, mas também como tentação irascível, concupiscência irrefreável de eros. (SICUTERI, 1985, p. 79)

A crítica literária norte-americana Camille Paglia também agrega sexualidade ao mito de Hécate:

O sexo é um poder muito mais sombrio do que admite o feminismo. [...] O sexo sempre foi cercado de tabu, independentemente de cultura. O sexo é o ponto de contato entre o homem e a natureza, onde a moralidade e as boas intenções caem diante de impulsos primitivos. Chamei esse ponto de intersecção. Essa intersecção é a misteriosa encruzilhada de Hécate, onde tudo retorna à noite. O erotismo é um reino tocado por fantasmas. É o lugar além dos confins, ao mesmo tempo amaldiçoado e encantado. (PAGLIA, 1992, p. 15)

Assim como Lilith, Hécate é uma deusa noturna, lunar, demonizada e, também, sexualizada. Ambas epitomizam a “linha do mal feminina” afirmada por Aristóteles. As citações acima apontam para um sentimento de ameaça vivido pelo homem ocidental diante deste paradigma específico do feminino. Na maior parte dos poemas de Baudelaire podemos perceber isto por parte do eu-lírico. Em seus escritos íntimos Baudelaire demonstra repulsa pelas mulheres que se adequam ao padrão familiar burguês do casamento e da maternidade. Em sua obra, tanto poética quanto em prosa, percebemos o desprezo baudelairiano pelo feminino submisso, dócil e indefeso. As mulheres que povoam *As flores do mal* são fêmeas insaciáveis e implacáveis, a exigir do homem o impossível: “Ó demônio impiedoso! Amortece o teu fogo:/ Nove vezes não posso, como o Estige obscuro,/ Abraçar-te...” (BAUDELAIRE, 2002, p. 39). O lesbianismo presente na *femme fatale* baudelairiana exacerba seu fascínio de sedução ao mesmo tempo que confere à mulher traços demoníacos: “...e não posso, ó megera libertina,/ Para quebrar-te o brio e pôr-te contra o muro,/ No teu leito infernal tornar-me Proserpina!” (Ibidem). Proserpina, ou Perséfone, era a esposa de Hades, Plutão para os romanos, senhor dos domínios inferiores, ou infernos, morada dos mortos para os gregos.

Da mesma forma, a pomba-gira do poema de Eucanaã Ferraz também apresenta atributos que nos remetem a Hécate: “...Medo/ daquela mulher absoluta, rainha/ errada,

metade deusa,/ metade puta, que era/ e não era, e cuja excêntrica presença, encarnação/ momentânea, era o canto e a dança/ dos sudários, das aparições, dos espectros e/ assombramentos, das sombras e almas padecentes/ a vagar desgraçados pelas esquinas...”(FERRAZ, 2004, p. 12-13).

As esquinas, as encruzilhadas... A sombria Hécate era adorada nos locais onde as estradas se cruzavam: “ela andava nas noites de lua nova acompanhada por uma matilha de cães de caça. As pessoas a veneravam, deixando oferendas nas encruzilhadas” (MARASHINSKY, 2002, p. 94). O *Dicionário de mitologia greco-romana* confirma a relação de Hécate com as encruzilhadas e com os túmulos:

[Hécate] ficava de preferência nas encruzilhadas, junto aos túmulos ou nos lugares onde havia ocorrido um crime. Nas encruzilhadas colocavam sua estátua sob a forma de uma mulher com três corpos ou três cabeças. Junto à imagem, depositavam oferendas para atraírem o seu favor. (CASTRO, 1976, p. 85)

O culto greco-romano à Hécate apresenta, como podemos perceber, ressonâncias várias com os cultos relacionados à figura da pomba-gira. Etimologicamente, o termo deriva do quicongo “bombozira”, que significa, literalmente, “encruzilhada” (LIGIÉRO, 2000, p. 135). “De Pombagira se diz ser mulher de demônios e morar no inferno e nas encruzilhadas, como esclarecem suas cantigas” (PRANDI, 1996, p. 144), o que atesta sua linhagem que remonta não apenas a Hécate, mas também a Lilith. Segundo pesquisa de campo feita em terreiros de umbanda por antropólogos, “Pombagira é a poderosa mulher dos sete Exus: bonita, feminina, dengosa e sexualmente sedutora, ao mesmo tempo tão perigosa e violenta quanto um Exu. Suas cantigas (“pontos”) tecem ao mesmo tempo um elogio à sua sedução de mulher como também alertam para o seu potencial de ameaça mortal” (CARVALHO, 1994, p. 96), inscrevendo, portanto, a personagem carioca no rol das *femmes fatales*. “A gargalhada preta, vermelha e quente/ me apavorava. Aquela diaba/ de fumo e ferros diria o que nem eu mesmo/ alcançava em mim...”, diz o poema contemporâneo de Eucanaã Ferraz (FERRAZ, 2004, p. 12). O eu-lírico do poema percebe o que é atestado pela pesquisa antropológica, que diz ser a pomba-gira uma “divindade cuja natureza não é de todo controlável” (CARVALHO, 1994, p. 101).

No entanto, como uma “entidade” afro-brasileira poderia derivar de arquétipos asiáticos e europeus? Para o pesquisador Reginaldo Prandi, o culto da pomba-gira se constituiu a partir do entrecruzamento de tradições africanas e européias (PRANDI, 1996, p. 139). Também para a pesquisadora Monique Augras, “Pombagira representa uma espécie de recuperação brasileira de forças e características de divindades africanas que, no Brasil, no contato com a civilização católica, teriam passado por um processo de “cristianização”(Idem, p. 15). Eu diria “europeização”, ou “ocidentalização”. Monique Augras, ao falar sobre divindades africanas matrizes da pomba-gira, se refere às Grandes Mães do panteão iorubá, as poderosas e temidas Iyami Oshorongás (Ibidem), cujo mito possui vários pontos de convergência com o mito grego das Erínias, Fúrias para os romanos.

Este sincretismo mitológico, portanto, em um país multicultural como o Brasil, explica a existência de vários tipos de pomba-gira, negras, mulatas, morenas e loiras de olhos azuis. “É Bambogira a mulher bacante, poderosa e sabedora da magia. Ora é uma espanhola, ora uma cigana, ora uma dançarina da Praça Mauá, ora uma mulher do baixo meretrício” (LODY, Raul, *apud* LIGIÉRO, 2004, p. 130).

“Que gira na memória” (FERRAZ, 2004, p. 13), diz o verso final do poema de Eucanaã Ferraz. Memória coletiva integrante da cultura popular carioca, como já dito acima, e como também atestam as palavras do pesquisador Reginaldo Prandi: “Dona pombagira, que tem um lugar muito especial nas religiões afro-brasileiras, pode também ser encontrada nos espaços não religiosos da cultura brasileira: nas novelas de televisão, no cinema, na música popular, nas conversas do dia-a-dia” (PRANDI, 1996, p. 140). “Seu ritual é cheio de samba, bebidas e aperitivos, numa atmosfera festiva entrecortada por ruidosas gargalhadas de médiuns possuídos. A forte presença delas no imaginário popular pode ser comprovada em toda parte – nas praias, no carnaval e na sensualidade feminina que transborda no cinema nacional” (LIGIÉRO, 2000, p. 136). Em todas essas afirmações, observamos uma afinidade “com o mundo malandro sem limites éticos e morais” (LIGIÉRO, 2004, p. 130).

O eu-lírico do poema de Eucanaã Ferraz tem em comum com o eu-lírico baudelairiano o tratamento estetizante do tema por vezes vulgar ou grotesco da mulher fatal demonizada e também a mesma angústia e medo do que está recalcado reconditamente. “...E eu,/ que só queria fingir que não se morre,/ que só queria não sofrer, escondia minha água/ mais íntima quanto mais temia/ aquele anjo todo fogo que girava sobre um chão/ de punhais, que girava sobre um chão / de pólvora, que girava, cabelos, dentes,/ que girava...” (FERRAZ, 2004, p. 13). Para o já citado Reginaldo Prandi, “se diz que as religiões afro-brasileiras são religiões de liberação da personalidade, pois não faz parte nem de seu ideário nem de suas práticas rituais o acobertamento e aniquilamento das paixões humanas de toda natureza, por mais recônditas que sejam elas” (PRANDI, 1996, p. 155). Neste sentido, segundo o mesmo antropólogo, “as religiões afro-brasileiras são liberadoras do indivíduo”(Ibidem). Como igualmente atesta Zeca Ligiéro:

... a destruição de muitos sistemas de vida africanos ocasionou, no Brasil, a liberação de um grande potencial feminino, o qual vem sendo representado através dos séculos de patriarcado em quase todas as culturas do planeta. Esse potencial (hoje em plena expansão) se expressa no simbolismo da fêmea sexualmente ativa e orientada na busca do próprio prazer. Essa busca, conscientemente dissociada da função da maternidade [ver Baudelaire], confere à mulher a noção exata de seu poder magnetizante sobre os machos da espécie [ver a mulher fatal baudelairiana e o poema de Eucanaã Ferraz]. Em linguagem pop, as pombas-gira seriam as sacerdotisas do “Pussy Control”, ou o poder de controlar os homens por meio da vagina. (LIGIÉRO, 2000, p. 137)

Assim, na encruzilhada das diversas matrizes míticas do arquétipo, na encruzilhada da Literatura com outros discursos, como História, Sociologia e Antropologia, e na encruzilhada do grotesco com o sublime, Lilith continua a dar suas gargalhadas ferozes nas esquinas do caos urbano contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. *Metafísica, Livro I*. Trad. Vincenzo Cocco. São Paulo : Abril Cultural, 1973 (Col. *Os pensadores*, IV).
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo : Martin Claret, 2002.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega. Volume II*. 2.ed. Petrópolis : Vozes, 1988.
- CARVALHO, José Jorge de. “Violência e caos na experiência religiosa: a dimensão dionisíaca dos cultos afro-brasileiros”. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *As senhoras do pássaro da noite: escritos sobre a religião dos orixás V*. São. Paulo : Edusp, 1994.
- CASTRO, Consuelo de. (redatora). *Dicionário de mitologia greco-romana*. 2.ed. São Paulo : Abril Cultural, 1976.
- CESAR, Ana Cristina. *A teus pés*. São Paulo : Brasiliense, 1982.
- FAUR, Mirella. *O anuário da Grande Mãe: guia prático de rituais para celebrar a Deusa*. 2.ed. São Paulo : Gaia, 2001.
- FERRAZ, Eucanaã. *Rua do mundo*. São Paulo : Companhia das Letras, 2004.
- LIGIÉRO, Zeca & Dandara. *Iniciação à umbanda*. Rio de Janeiro : Nova Era, 2000.
- LIGIÉRO, Zeca. *Malandro divino: a vida e a lenda de Zé Pelintra, personagem mítico da Lapa carioca*. Rio de Janeiro : Nova Era, 2004.
- MARASHINSKY, Amy Sophia. *O oráculo da deusa: um novo método de adivinhação*. Trad. Zilda Hutchinson Schild Silva. São Paulo : Pensamento, 2002.
- PAGLIA, Camille. *Personas sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo : Companhia da Letras, 1992.
- PRANDI, Reginaldo. “Pombagira e as faces inconfessas do Brasil”. In: _____. *Herdeiras do axé*. São Paulo : Hucitec, 1996. (Capítulo IV, pp. 139-164)
- SICUTERI, Roberto. *Lilith: a Lua Negra*. Trad. Norma Telles et alii. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1985.